

Os Conflitos Começam

Pedro e João Curam um Coxo (Atos 3:1-10)

Um dia, Pedro e João foram ao templo na hora da oração (3 horas da tarde). Eles passavam pela Porta Formosa, que era voltada para o leste e dava para o pátio das mulheres. Ao pé desta porta, um homem, coxo de nascença, deitava-se diariamente para pedir esmolas aos passantes. Quando ele viu Pedro e João, que estavam para entrar no templo, pediu-lhes esmolas.

Você pode imaginar a alegria deste homem ao ser curado?

Pedro e João olharam para o homem atentamente, e Pedro disse: “Olhe para nós”. O homem prestou bem atenção, pois pensava que lhe dariam dinheiro. Mas Pedro disse: “Não tenho prata nem ouro, mas o que tenho lhe dou. Em nome de Jesus Cristo de Nazaré, levante-se e ande.”

Pedro pegou o coxo pela mão e levantou-o. Imediatamente os pés e os tornozelos do homem receberam força. Ele saltou no ar e começou a andar e a pular, louvando a Deus enquanto assim fazia.

Todas as pessoas o viram andando e louvando a Deus, e o reconheceram como o mendigo que se sentava à Porta Formosa. Estavam cheios de admiração e assombro pelo que tinha acontecido.

Lembra-se de que os que creram vendiam suas posses e as partilhavam conforme havia necessidade (2:44-45)? Foi-nos dito em 4:34-35 que o dinheiro era depositado “aos pés dos apóstolos” para distribuição. Isto significa que Pedro e João poderiam ter encontrado dinheiro para um donativo a esse mendigo, se esse dinheiro fosse para todos os pobres de Jerusalém. Mas esse dinheiro partilhado pelos crentes era para os necessitados entre eles mesmos. Pedro e João poderiam até mesmo ter encontrado alguma dádiva de seus próprios recursos pessoais, mas o que tinham a dar a esse homem era de muito maior valor do que qualquer esmola poderia ter sido. Se pudéssemos ter perguntado a esse homem o que ele preferiria, esmola ou cura, o que você supõe que ele teria escolhido?

O dinheiro repartido pelos crentes era para os necessitados entre eles mesmos.

Pedro Prega (Atos 3:11-26)

Enquanto o homem curado segurava Pedro e João, o povo correu e se juntou no Pórtico de Salomão para ver o que tinha acontecido. Eles estavam assombrados e curiosos.

Quando Pedro viu o povo reunir-se admirado, disse:

Homens de Israel, por que estão surpresos com este homem? E por que nos olham como se o tivéssemos tornado capaz de andar por nosso próprio poder e santidade? O Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó, o Deus de nossos pais, glorificou seu Servo Jesus. Vocês o entregaram à morte e o negaram diante de Pilatos, quando ele estava determinado a soltá-lo. Vocês negaram o Santo e Justo, pedindo para que um assassino fosse libertado, e mataram o Príncipe da Vida, a quem Deus ressuscitou dentre os mortos. Deste fato somos testemunhas.

Com base na fé, seu nome fortaleceu este homem, o homem que vêem e reconhecem. Sim, é o nome de Jesus e a fé que vem através dele que fizeram este homem ficar perfeitamente são diante de vocês todos.

E agora, irmãos, sei que agiram por ignorância quando rejeitaram e mataram o Filho de Deus, assim como o fizeram suas autoridades. Desse modo, Deus cumpriu o que havia dito através de todos os profetas quando predisseram o sofrimento do seu Escolhido.

Portanto, arrependam-se e desistam de seu caminho, para que seus pecados possam ser riscados, para que tempos renovadores possam vir do Senhor, e para que ele possa mandar o Cristo designado para vocês: Jesus. Ele permanece no céu até que chegue o tempo em que Deus restaurará todas as coisas, como prometeu há muito tempo, através de seus santos

Uma passagem coberta, ou colunata, rodeava o pátio do templo em todos os quatro lados. Bancos eram encontrados aqui e ali. O Pórtico de Salomão era a colunata do leste, próximo à Porta Formosa.

profetas. Na verdade, Moisés disse: “O Senhor Deus vos suscitará dentre vossos irmãos um profeta semelhante a mim; a ele ouvireis em tudo quanto vos disser. Acontecerá que toda alma que não ouvir a esse profeta será exterminada do meio do povo” (Deuteronômio 18:15,18,19).

Sim, e todos os profetas, desde Samuel, falaram destes dias. Vocês são os filhos (e portanto, herdeiros) dos profetas e do acordo que Deus fez com seus pais. Ele disse a Abraão: “Em seu descendente todas as famílias da terra serão abençoadas” (Gênesis 12:3; 22:18). Quando Deus ressuscitou seu Servo, ele o mandou primeiro a vocês, para abençoá-los afastando cada um de vocês de seus caminhos perversos.

Pedro e João São Detidos (Atos 4:1-22)

Enquanto Pedro e João falavam ao povo, os sacerdotes, o capitão do templo e os saduceus vieram a eles. Ficaram perturbados porque os apóstolos estavam ensinando o povo sobre Jesus e proclamando a ressurreição dos mortos. Eles prenderam Pedro e João e, porque já era noite, puseram-nos na prisão até a manhã seguinte.

Contudo, muitos da multidão que ouviram a mensagem pregada creram. O número de homens cresceu até cerca de cinco mil.

A cura do coxo, e o sermão que se seguiu, aconteceram no pórtico de Salomão, e por isso os sacerdotes e os saduceus estavam por perto. Os saduceus fizeram objeção quando Jesus falou sobre o assunto da ressurreição, assim não era surpresa que objetassem quando ouviram os apóstolos afirmando que Jesus tinha realmente se levantado dentre os mortos. Nem é surpreendente que fossem os saduceus os que protestaram primeiro contra a pregação dos apóstolos, ainda que não tivessem começado seu conflito com o próprio Jesus tão cedo quanto o fizeram os fariseus. Os saduceus não acreditavam que ninguém seria jamais ressuscitado dos mortos, assim certamente não acreditavam que este homem que eles tinham rejeitado tivesse sido ressuscitado.

Todas as perseguições relatadas no livro de Atos têm sua origem nos judeus, ou são o resultado de um conflito local.

Nos conflitos que os discípulos tinham com os judeus, no livro de Atos, veremos que eles estavam detidos por uma razão, e então quando são julgados diante do concílio, a razão principal é ignorada, e são interrogados como se tivessem sido presos por alguma razão inteiramente diferente. A explicação para isto é que

os saduceus objetavam contra os apóstolos ensinarem a ressurreição, e por isso os prenderam. Mas quando o assunto era trazido diante do concílio, os saduceus evitaram o uso do ensinamento da ressurreição como sua acusação, porque o concílio era composto predominantemente por fariseus, que acreditavam na ressurreição dos mortos (ainda que eles, também, objetassem contra dizer que Jesus tinha sido ressuscitado).

Vemos essa contradição nesta história, bem como em outros lugares (veja Atos 23:1-10).

Note os pontos exatos que Pedro afirmou:

❶ É pelo poder de Jesus de Nazaré que este homem está de pé diante de vocês, em perfeita saúde (4:9-10).

❷ Vocês o mataram (4:10).

❸ Deus o ressuscitou dentre os mortos (4:10).

❹ Ele é a pedra que vocês, construtores, rejeitaram, mas agora foi posto como a principal pedra do edifício, justo como os profetas predisseram (4:11).

❺ Não há salvação em nenhum outro (4:12).

No próximo dia, as autoridades, os anciãos e os escribas (o Sinédrio e, possivelmente, outros chefes dos judeus) reuniram-se. Anás e Caifás estavam ambos presentes, junto com João e Alexandre (homens desconhecidos na história bíblica até este ponto), e outros parentes do sumo sacerdote.

Quando Pedro e João foram trazidos diante da assembléia, o concílio perguntou: “Por qual poder, ou em que nome, vocês fizeram isto?”

Pedro, guiado pelo Espírito Santo, respondeu:

Autoridades do povo e anciãos, se estamos sendo julgados hoje por um ato de bondade feito a um homem aleijado, e se vocês estão perguntando como ele foi curado, então saibam isto, todos vocês e todos os outros em Israel: é em nome de Jesus Cristo de Nazaré, a quem vocês crucificaram, mas a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, em nome dele este homem está de pé diante de vocês em perfeita saúde. Jesus é a pedra que vocês, construtores, jogaram fora como sem valor, e que agora foi posto como a principal pedra angular do edifício (como os profetas previram, Salmo 118:22).

Em ninguém mais há salvação porque não há outro nome sob o céu, dado entre os homens, pelo qual temos que ser salvos.”

Quando as autoridades judaicas viram a ousadia de Pedro e João, e souberam que eles eram homens comuns e incultos, ficaram admiradas. Notaram que esses homens tinham estado com Jesus. Mais ainda, o homem que havia sido curado estava de pé com Pedro e João, por isso os líderes não podiam negar o milagre. Finalmente, ordenaram a Pedro e João que saíssem do concílio enquanto eles conferenciavam.

Eles disseram: “Que vamos fazer a estes homens? Um milagre notável foi feito, e todos em Jerusalém sabem. Não podemos negá-lo. Mas para impedir que esta coisa se espalhe mais ainda entre o povo, precisamos adverti-los para que não preguem a ninguém novamente sobre este homem.” Chamando Pedro e João de volta a sua presença, ordenaram-lhes que não falassem ou ensinassem, de modo nenhum, em nome de Jesus.

Mas Pedro e João responderam: “Vocês podem decidir por si mesmos se é certo, à vista de Deus, obedecer a vocês, ou a Deus. Quanto a nós, não podemos deixar de contar as coisas que vimos e ouvimos.”

Após outras ameaças, os judeus permitiram que eles fossem. Não viam base para que pudessem puni-los, porque a multidão glorificava a Deus pelo que havia sido feito. O homem curado tinha mais de quarenta anos de idade e era aleijado de nascença.

Pedro e João Retornam aos Irmãos (Atos 4:23-31)

“Os irmãos” não são identificados. Desde que havia cinco mil ou mais santos nesta época, não parece provável que eles retornaram a uma assembléia de todos os santos. Também, a pregação e a obra dos milagres estavam sendo feitos por este tempo somente pelos apóstolos (4:29-31,33). Já que estes irmãos aos quais Pedro e João retornaram eram aqueles que estavam envolvidos com eles neste trabalho, provavelmente “os irmãos” se refere aos apóstolos.

Quando Pedro e João retornaram ao seu próprio grupo, contaram tudo o que os principais sacerdotes e anciãos lhes tinham dito. Quando os outros ouviram o relatório, levantaram suas vozes a Deus em total unidade e disseram:

Ó Senhor, que fez o céu e a terra e o mar e tudo que há neles: pelo Espírito Santo falou através da boca de nosso antepassado Davi e disse: “Por que se enfureceram os *gentios*, e os *povos* imaginaram coisas vãs? Levantaram-se os *reis* da terra, e as *autoridades* ajuntaram-se à uma contra o Senhor e contra o seu Ungido” (Salmo 2:1-2).

E, na verdade, Herodes, um *rei* e Pôncio Pilatos, uma *autoridade* se encontraram com os *gentios* e o *povo* de Israel nesta própria cidade para conspirar contra seu santo servo Jesus, o qual o Senhor ungiu. Eles fizeram o que seu poder e vontade tinham decidido de antemão que deveria acontecer. E agora, Senhor, olhe para a ameaça deles, e ajude-nos, seus servos, a ter capacidade para falar suas palavras com toda a ousadia, enquanto o Senhor estende sua mão para curar e fazer sinais milagrosos e maravilhas através do nome de seu santo servo Jesus.

Quando oraram assim, o lugar onde estavam reunidos estremeceu. Eles se encheram do Espírito Santo e falaram a palavra de Deus ousadamente.

Os apóstolos não oraram para que a perseguição parasse. Eles perceberam que a perseguição fazia parte da tarefa diante deles. Seu Senhor tinha sido perseguido, e agora era a vez deles, quando levavam a mensagem ao mundo. Em vez disso, eles oraram pedindo ousadia para continuar a obra, apesar de qualquer coisa que viesse. O tremor do edifício era o meio de Deus assegurá-los de que tinha ouvido seu grito por auxílio e que ele estava por perto.

Os Discípulos Repartem suas Posses Uns com os Outros (Atos 4:32-35)

A multidão inteira de discípulos tinha um só coração e um só sentimento. Nenhum deles dizia que qualquer coisa que possuísse era sua; na verdade, compartilhavam tudo o que tinham. Com grande poder, os apóstolos davam seu testemunho da ressurreição do Senhor Jesus; todos foram grandemente abençoados.

Não faltou pão na mesa de nenhum dos discípulos. Os que possuíam terras ou casas vendiam-nas, traziam o dinheiro que recebiam das vendas e o depositavam aos pés dos apóstolos. Então, o mesmo era distribuído a cada um conforme sua necessidade.

Neste tempo parece que havia uma situação incomum em Jerusalém. Um grande número de judeus tinha vindo à cidade para guardar a festa de Pentecostes. Enquanto estavam ali, muitos deles aprenderam sobre Cristo e seu novo reino, e se tornaram parte dele. Estes novos discípulos decidiram prolongar sua estada em

Jerusalém e aprender mais com os apóstolos. Portanto, manifestou-se a necessidade de prover as carências daqueles que estavam tão longe de seu lar. Esta não era uma situação em que todos vivessem em algum tipo de comunidade, antes era a resposta generosa de um povo justo para satisfazer a necessidade que tinha se manifestado. Depois desse período inicial, os discípulos não continuaram a vender suas posses e a reparti-las como fizeram aqui. Portanto, deveríamos aprender com seu exemplo de generosidade e estar prontos a compartilhar quando uma necessidade aparece, mas não precisamos ter uma partilha geral de todas as nossas posses em circunstâncias normais.

O Exemplo de José (Atos 4:36-37)

José era um levita da ilha de Chipre. Ele vendeu um campo que possuía e trouxe o dinheiro aos apóstolos para que o distribuíssem conforme fosse necessário. Os apóstolos o apelidaram de Barnabé, que significa “filho da exortação” (ou, como diríamos, Sr. Encorajador).

Nos vários capítulos seguintes, encontraremos este Barnabé diversas vezes. É o mesmo homem que encontramos aqui como José, mas ele usará o novo nome que lhe foi dado por causa de suas ações.

Há um vívido contraste entre o exemplo de Barnabé e o de Ananias e Safira. Parece que este casal queria o mesmo tipo de elogio que foi feito a Barnabé, mas pretendiam guardar o dinheiro para si mesmos. Sem dúvida, as duas histórias são colocadas lado a lado para mostrar este contraste.

Ananias e Safira Mentem ao Espírito Santo (Atos 5:1-11)

Um homem chamado Ananias e sua esposa Safira também venderam uma propriedade. Com o pleno conhecimento de sua esposa, Ananias guardou parte do dinheiro e levou o restante para depositar aos pés dos apóstolos. Ele fingiu que trouxera todo o dinheiro recebido pela venda de sua propriedade.

Pedro disse: “Ananias, como foi que Satanás encheu seu coração para mentir ao Espírito Santo, e guardar parte do preço da terra? Antes de vendê-la, não era sua, para fazer com ela o que quisesse? E, depois de vender, não era seu o dinheiro, para fazer com ele o que desejasse? Como pôde fazer tal coisa? Você não mentiu aos homens, mas a Deus.”

Quando Ananias ouviu estas palavras, desmaiou e morreu. Os moços presentes prepararam seu corpo para o sepultamento, levaram-no para fora e o enterraram.

Ananias e Safira queriam o louvor sem o sacrifício.

Os discípulos não foram mandados a vender todas as suas propriedades, mesmo durante este tempo de necessidade. Pedro disse a Ananias que a propriedade tinha sido sua, e poderia ter continuado sua. Então, depois de tê-la vendido, estava perfeitamente dentro de seu direito trazer parte do dinheiro para ser

usado na obra do Senhor e guardar o resto para fazer o que quer que ele e Safira decidissem fazer com ele. O pecado veio quando eles decidiram fingir que tinham trazido tudo. Eles estavam esperando receber o louvor sem o sacrifício.

Pedro disse que Ananias mentiu a Deus, apesar de ter trazido o dinheiro aos apóstolos. Como assim? É claro que todo o pecado é, no fim, contra Deus, mas era mais do que isso nesta ocasião. Os apóstolos estavam diretamente guiados pelo Espírito Santo quando falavam, assim estavam numa posição para saber se este homem estava mentindo ou dizendo a verdade, e se ele merecia seu elogio ou sua repreensão.

Cerca de três horas mais tarde, Safira veio à assembléia, mas não sabia o que tinha acontecido a Ananias. Pedro perguntou-lhe: “Diga-me, vocês venderam sua terra por esta importância?”

Ela disse: “Sim, esse é o preço.”

Pedro respondeu: “Como puderam vocês dois combinar para testar o Espírito do Senhor? Veja, os pés daqueles que enterraram seu esposo estão à porta, e carregarão para fora você também.”

Imediatamente, Safira desmaiou aos pés dele e morreu. Os moços entraram e, encontrando-a morta, levaram-na para fora e a sepultaram ao lado de seu esposo. Como resultado deste acontecimento, grande temor se abateu sobre toda a igreja, e sobre todos aqueles que ouviram o que tinha acontecido.

Safira entrou na assembléia três horas depois de seu esposo ter morrido. Isso dá uma outra ligeira visão das atividades destes discípulos primitivos. Ainda que houvesse reuniões no templo diariamente, e os apóstolos provavelmente passassem a maior parte de cada dia pregando às multidões que se ajuntavam, a multidão inteira dos crentes não passava seus dias inteiros ali.

Compare esta história com a de Nadabe e Abiú, que foram mortos por desobedecerem ao mandamento de Deus ao oferecerem incenso, no Velho Testamento (Levítico 10:1-2). Deus não continuou a golpear mortalmente as pessoas quando elas pecavam sob a velha lei, nem continuou a matar as pessoas na igreja. Se assim o tivesse feito, muito poucas pessoas restariam. Mas, em ambos os casos, Deus estava afirmando pontos especiais. Nadabe e Abiú tinham apenas iniciado seu papel como sacerdotes. Eles acabavam de concluir uma semana de consagração para serem sacerdotes. Estavam oferecendo incenso numa de suas primeiras vezes, e ignoraram as leis de Deus sobre como isso tinha de ser feito. Deus os matou para mostrar que ele exigiu que seus sacerdotes fossem cuidadosos em obedecer aos pormenores de suas leis a respeito de sacrifícios.

Compare esta história com a de Nadabe e Abiú

Agora, no caso de Ananias e Safira, a igreja tinha apenas começado. Aos apóstolos tinha sido dado o Espírito Santo para guiá-los em sua obra, e estas duas pessoas vieram na esperança de serem capazes de enganar os apóstolos da mesma forma que fariam com qualquer outro. Deus os matou para afirmar, talvez, mais do que um ponto. Um era que ele exigia que estes novos discípulos se comportassem como súditos obedientes ao seu Rei, o Cristo. Mas, talvez, o ponto mais específico era que estes apóstolos não eram mais homens que tinham somente sua percepção normal, mas homens com o poder da Divindade, o Espírito Santo, para ajudá-los. A multidão tinha de ser convencida de que os apóstolos eram, na verdade, inspirados pelo Espírito Santo para que seu testemunho fosse acreditado.

Os Apóstolos Continuam seu Trabalho de Pregação e Cura (Atos 5:12-16)

Os apóstolos fizeram muitos sinais milagrosos e maravilhas entre o povo, e os discípulos continuaram a se encontrar regularmente no Pórtico de Salomão, no templo. As pessoas do público em geral não tinham a coragem de se associar aos discípulos, mas os respeitavam muito. Conforme os dias passavam, mais e mais pessoas vieram a crer no Senhor e foram acrescentadas aos discípulos, multidões tanto de homens como de mulheres.

Os doentes eram carregados para as ruas e deitados em camas e macas para que, quando Pedro passasse, pelo menos sua sombra pudesse cair sobre algum, aqui e ali. Multidões vinham das cidades ao redor de Jerusalém, trazendo seus doentes e os que eram afligidos por espíritos imundos. Todos eram curados.

Atos 5:12 é outro versículo que especifica que milagres eram feitos pelos apóstolos. Associe esta passagem com 2:43; 3:1-10 e 4:33. Há muitas evidências que mostram que os apóstolos pregavam e faziam milagres desde o momento em que receberam o batismo com o Espírito Santo. Não há evidência de que alguém mais fizesse alguma pregação ou milagres até Atos 6:8. Não há evidência de que os 120 discípulos mencionados em Atos 1 receberam o batismo com o Espírito Santo; nem eram os poderes milagrosos do Espírito obtidos espontaneamente, quando alguém era batizado.

A influência da mensagem sobre o Cristo ressuscitado já está atingindo até fora da cidade de Jerusalém. Pessoas das vilas e cidades circunvizinhas da Judéia estão trazendo seus doentes para a cidade, para serem curados, e estão ouvindo a mensagem dos apóstolos. O plano de espalhar o evangelho está se desenvolvendo exatamente como Jesus descreveu: os apóstolos estão dando o seu testemunho em Jerusalém e, agora, ao povo da Judéia (1:8).

“... e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia...” (Atos 1:8).

Todos os Apóstolos São Detidos (Atos 5:17-42)

Outra vez, eram os saduceus que se movimentavam contra os apóstolos. Eles estavam com ciúmes do sucesso dos apóstolos em fazer convertidos. Levados pelo sumo sacerdote, eles vieram e prenderam os apóstolos e os puseram na cadeia pública.

Naquela noite, um anjo do Senhor abriu as portas da prisão e os levou para fora. Ele disse: “Vão vocês todos, fiquem nos pátios do templo, e contem ao povo tudo sobre esta nova vida”. Tendo ouvido esta ordem, os apóstolos entraram no templo quase ao raiar do dia e começaram a ensinar.

Enquanto isso, o sumo sacerdote e seus companheiros convocaram o Sinédrio. Quando mandaram buscar os prisioneiros, os soldados voltaram dizendo: “Encontramos a prisão totalmente segura, com os guardas postados nas entradas, mas quando abrimos as portas, não encontramos ninguém dentro.” Quando o capitão do templo e os principais sacerdotes ouviram este relato, ficaram mortificados e pensaram no que fariam.

Nesse ponto, alguém chegou e lhes disse: “Ei! Os homens que vocês colocaram na prisão estão no templo ensinando o povo.”

O capitão e seus soldados saíram e trouxeram os apóstolos de volta ao concílio, mas o fizeram sem violência, pois os oficiais temiam o povo. Temiam que a multidão pudesse apedrejá-los se maltratassem os apóstolos a quem respeitavam.

Quando voltaram com eles, os soldados colocaram os apóstolos diante do concílio. O sumo sacerdote disse: “Nós já lhes mandamos categoricamente que não ensinassem mais nesse nome e no entanto vocês encheram Jerusalém com seu ensinamento. Vocês pretendem lançar o sangue desse homem sobre nós.”

Lembra-se que, quando os judeus estavam diante de Pilatos e exigiram que ele crucificasse Jesus, eles diziam: “Seu sangue seja sobre nós e nossos filhos” (Mateus 27:25)? Nesse tempo eles não pensavam que haveria mais nenhuma consequência. Agora que parecia que haveria consequências, eles queriam evitar toda a culpa por terem matado o Filho de Deus. A única maneira pela qual esses oficiais judaicos poderiam ter apagado a culpa pela ação terrível que tinham feito seria arrependendo-se humildemente e aceitando o plano de Deus para o perdão. Em vez disso, continuaram sua rejeição e somente aumentaram sua culpa, lutando contra a mensagem dos apóstolos.

Observe os pontos exatos que foram afirmados:

① Deus ressuscitou aquele que vocês mataram (5:30)

② Deus exaltou-o para ser Príncipe e Salvador (5:31)

③ Para que o arrependimento e a remissão dos pecados pudessem ser dados (5:31)

④ Somos testemunhas (5:32)

⑤ Como também é quem Deus deu, o Espírito Santo (5:32)

Agora que parecia que haveria consequências, eles queriam evitar toda a culpa por terem matado o Filho de Deus. A única maneira pela qual esses oficiais judaicos poderiam ter apagado a culpa pela ação terrível que tinham feito seria arrependendo-se humildemente e aceitando o plano de Deus para o perdão. Em vez disso, continuaram sua rejeição e somente aumentaram sua culpa, lutando contra a mensagem dos apóstolos.

Pedro e os apóstolos responderam: “Temos que obedecer a Deus antes dos homens. O Deus de nossos pais ressuscitou Jesus, a quem vocês executaram, pendurando-o numa árvore. Deus o exaltou à sua direita, para ser um Príncipe e um Salvador, para trazer Israel ao arrependimento e realizar a remissão dos pecados. E somos testemunhas destas coisas, como também é o Espírito Santo, que Deus deu àqueles que o obedecem.”

Em vez de recuar, Pedro repetiu a própria essência da mensagem que os saduceus tanto odiavam. A mensagem enraivecia a maioria dos fariseus, porque ela colocava a culpa pela morte do Salvador diretamente sobre seus ombros.

Os judeus, quando ouviram isto, ficaram tão furiosos que queriam matar os apóstolos. Mas um fariseu, chamado Gamaliel, levantou-se no concílio. Ele era um doutor da lei muito respeitado pelo povo. Gamaliel ordenou que os apóstolos fossem retirados da sala e então disse aos seus companheiros:

Homens de Israel, tenham cuidado com o que fazem a estes homens. Recordem-se por um momento de um homem chamado Teudas, que se levantou proclamando ser um líder. Cerca de quatrocentos homens se juntaram a ele. Mas então foi morto e seus seguidores espalhados, e tudo deu em nada. Depois, levantou-se Judas da Galiléia, nos dias das inscrições para cobrança de impostos e arrastou pessoas consigo. Ele também pereceu e todos os seus seguidores se espalharam.

Meu conselho a vocês é que deixem estes homens em paz porque, se sua causa for dos homens, ela será derrubada. Mas se for de Deus, vocês não serão capazes de derrubá-la. Ao contrário, vocês se encontrarão lutando contra Deus.

O concílio concordou com a sugestão de Gamaliel. Chamando os apóstolos de volta, espancaram-nos e ordenaram que não falassem no nome de Jesus, e os deixaram ir.

Os apóstolos saíram do concílio regozijando-se por terem sido considerados dignos de sofrer desonra pelo nome de Jesus. E todos os dias, no templo e nas casas, eles continuaram a ensinar e a pregar Jesus como o Cristo.

Os Judeus da Fala Grega Murmuram Contra os Hebreus (Atos 6:1-6)

Conforme o número de discípulos crescia (agora bem acima de 5.000), a tarefa de distribuir auxílio aos necessitados aumentou e se tornou insuportável. Até este momento, o dinheiro era depositado aos pés dos apóstolos (4:35,37; 5:2), e eles eram os responsáveis por supervisionar a distribuição conforme a necessidade. Mas agora, o trabalho tinha ultrapassado suas capacidades para se fazerem o trabalho sozinhos.

Queixas se levantaram entre os helenistas, pois suas viúvas estavam sendo negligenciadas na distribuição diária da ajuda. Não há a menor indicação de que suas queixas tivessem sido injustas. Os apóstolos lidaram com elas como um problema legítimo.

Os judeus da fala grega (helenistas) eram os judeus criados no mundo helenístico (grego), fora da Palestina. Geralmente, estavam mais à vontade lendo o seu Velho Testamento em grego do que em hebraico. Em sua maioria, eles eram quase tão devotos e dedicados como seus parentes que viviam na Judéia, mas, como era de se esperar, alguns deles tinham feito acomodações em seus costumes para se ajustarem à sociedade grega. Estes judeus faziam suas visitas a Jerusalém para assistir às festas do mesmo modo que os seus irmãos palestinos, ainda que talvez não tão regularmente, ou tão freqüentemente, devido às maiores distâncias e despesas envolvidas. Durante as viagens missionárias de Paulo, eles mostraram ser tão fanáticos como os judeus de Jerusalém. O termo “hebreu” é usado neste trecho para se referir àqueles que ainda mantinham rigidamente os costumes judaicos.

Esta história ilustra o modo de lidar com os problemas que aparecem na igreja. Foi resolvido assim:

- **Rapidamente**
- **Por aqueles que estavam em posição de autoridade**
- **Colocando a solução nas mãos daqueles mais intimamente envolvidos**

Agora, a tarefa de distribuir para atender às necessidades do povo era tão enorme que não era surpresa que alguns estivessem sendo negligenciados. E, se alguns fossem ficar mal atendidos, seriam mais provavelmente aqueles afastados da pátria, porque não seriam tão conhecidos pelas pessoas que viviam em Jerusalém.

Os apóstolos convocaram a multidão dos discípulos e disseram: “Não seria correto para nós esquecermos a palavra de Deus para servir às mesas. Portanto, escolham dentre vocês, irmãos, sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria, a quem possamos indicar para cuidar deste negócio. Então continuaremos firmemente em oração e no trabalho de propagar a palavra.”

Esta solução agradou a toda a multidão, e escolheram sete homens satisfazendo as qualificações que os apóstolos tinham estabelecido. Escolheram Estêvão, que é descrito como um homem cheio de fé e do Espírito Santo, Filipe, Prócoro, Nicanor, Timon, Parmenas e Nicolau, que era um gentio da cidade de Antioquia. Nicolau convertera-se ao judaísmo antes de se tornar um cristão (um prosélito). Apresentaram estes homens diante dos apóstolos que, quando oraram, impuseram suas mãos sobre eles.

Os nomes destes sete homens escolhidos são todos nomes gregos, mas isto não prova que eles fossem necessariamente helenistas. Muitos nomes entre os doze apóstolos são nomes gregos também (André e Filipe, por exemplo). Contudo, a menção a Nicolau, que era um prosélito, e o fato de que **todos** estes nomes eram gregos, indicam que a multidão possa ter decidido pôr o trabalho do auxílio nas mãos daqueles de quem as queixas tinham vindo.

Estes homens eram cheios do Espírito, mas não faziam milagres antes de as mãos apostólicas terem sido impostas sobre eles. Isto significa que “cheio do Espírito” se refere a outras coisas e não poderes milagrosos, coisas tais como zelo, atitude, etc.

A Palavra de Deus Cresce em Jerusalém (Atos 6:7)

Conforme a palavra de Deus se espalhava, o número de discípulos crescia tremendamente. Muitos, mesmo entre os sacerdotes, obedeceram ao evangelho. Nenhum número explícito é dado neste tempo.

A Pregação de Estêvão Põe-no em Conflito com os Judeus (Atos 6:8-8:1)

Estêvão, um dos sete, estava cheio de graça e poder. Ele operava grandes milagres entre o povo.

Esta é a primeira vez no livro de Atos que alguém, além dos apóstolos, fazia milagres. Estêvão é um dos sete homens que acabava de ser indicado para um trabalho especial, e é um sobre quem os apóstolos “impuseram suas mãos”. O registro nos diz que os apóstolos oraram e impuseram suas mãos sobre estes homens, mas não nos diz explicitamente por que fizeram isso, além de apontá-los para a tarefa para qual tinham sido escolhidos (6:6). Contudo, aqui no versículo 8, Estêvão é capaz de fazer milagres. Deixemos a questão de como ele recebeu este poder suspensa por enquanto. Voltaremos à questão e a responderemos pela informação que aprenderemos no capítulo 8.

Algumas pessoas, em uma sinagoga formada por judeus gregos, começaram a debater com Estêvão. Eram, contudo, incapazes de resistir à sabedoria e ao Espírito com que ele falava. Estes judeus incluíam os libertinos (homens libertos, isto é, que já tinham sido escravos, mas agora estavam livres), homens de Cirene na África, de Alexandria no Egito, e das províncias de Cilícia e Ásia na Ásia Menor.

Uma vez que não podiam responder aos argumentos de Estêvão, seus inimigos determinaram destruir sua

Desta vez a oposição começou numa sinagoga local. Através dela, o povo, os anciãos e os escribas foram incentivados a se oporem a Estêvão. Isto marca uma grande mudança na origem da oposição.

influência de outro modo. Eles pagaram homens para mentir e dizer: “Ouvimos Estêvão falar palavras blasfemas contra Moisés e contra Deus.”

Com estas acusações, provocaram o povo, os anciãos e os mestres da lei. Eles agarraram Estêvão e o levaram perante o concílio. Apresentaram falsas testemunhas que diziam: “Este homem não pára de criticar este santo lugar e a lei. Ouvimos este homem dizer que esse Jesus de Nazaré destruirá este lugar, e mudará os costumes que Moisés nos entregou.”

Todos os que estavam assentados no Sinédrio olharam atentamente para Estêvão e viram que sua face parecia a face de um anjo. O sumo

sacerdote perguntou-lhe: “São verdadeiras estas coisas?” E Estêvão começou sua defesa:

Irmãos e pais, ouçam-me. O Deus da Glória apareceu a nosso pai Abraão, quando ele ainda estava na Mesopotâmia e antes que viesse a Harã, e disse: “Saia de sua terra, e de seus parentes, e vá a uma terra que lhe mostrarei.” Assim Abraão deixou a terra dos caldeus e mudou-se para Harã. Dali, depois de seu pai ter morrido, Deus o mandou a esta terra onde agora vocês vivem. Ele não deu a Abraão nenhuma herança – não, nem mesmo um metro quadrado – mas prometeu que daria a terra aos seus descendentes, ainda que por esse tempo Abraão não tivesse nenhum filho.

Deus lhe disse: “Seus descendentes morarão por algum tempo numa terra que não é deles; serão feitos escravos e serão maltratados por quatrocentos anos. Mas eu punirei a nação a qual servirão como escravos, e então os tirarei daquela terra, e eles me adorarão neste lugar.

Deus deu a Abraão o rito da circuncisão como um sinal da aliança entre eles. Depois de algum tempo, Abraão tornou-se o pai de Isaque e o circuncidou no oitavo dia. Isaque, por sua vez, foi pai de Jacó, e Jacó, dos doze patriarcas (os filhos de Jacó se tornaram os pais das tribos).

Os patriarcas, movidos por ciúme, venderam seu irmão, José, para o Egito. Mas Deus estava com ele e livrou-o de todos os seus problemas. Deus deu-lhe fama e sabedoria diante do Faraó, rei do Egito, que fez dele o governador de todo aquele país.

Então, uma fome atingiu todo o Egito e Canaã. Foi uma fome severa, e nossos pais não tinham comida. Quando Jacó soube que havia trigo no Egito, enviou nossos pais em sua primeira visita. Na sua segunda visita, José disse a seus irmãos quem ele era, e até o Faraó soube da família de José.

José mandou buscar seu pai Jacó e toda a sua família, um total de setenta e cinco pessoas, e fez com que mudassem para o Egito, onde ficaram. Jacó e todos os nossos pais ali morreram. Seus corpos foram trazidos de volta e sepultados em Siquém, num túmulo que Abraão tinha comprado dos filhos de Hamor.

Quando se aproximou o tempo de Deus cumprir a promessa que tinha feito a Abraão, o povo cresceu e se multiplicou até que outro rei chegou ao poder no Egito, um rei que não reconhecia José. Este rei tratava nosso povo de modo desleal e o oprimia, forçando-o a jogar fora seus recém-nascidos para que morressem.

Foi neste tempo que Moisés nasceu. Ele era uma criancinha excepcionalmente graciosa. Depois de ser cuidado durante três meses na casa de seu pai, foi posto fora e encontrado pela filha do Faraó. Ela o tratou como seu próprio filho, e ele foi educado em toda a sabedoria dos egípcios. Ele era forte em suas palavras e seus atos.

Quando, contudo, Moisés tinha cerca de quarenta anos de idade, ele decidiu ajudar seus parentes, os filhos (descendentes) de Israel (ou Jacó). Vendo um deles ser maltratado, ele o defendeu e matou o opressor egípcio. Ele pensava que os israelitas perceberiam que Deus estava usando-o para resgatar o povo, mas estas pessoas de modo algum aceitaram esta idéia.

No dia seguinte, Moisés encontrou dois israelitas que estavam brigando. Ele tentou reconciliá-los, dizendo: “Homens, vocês são irmãos! Por que querem ferir um ao outro?”

Mas aquele que estava em falta o empurrou para longe e disse: “Quem o fez autoridade e juiz sobre nós? Você pretende matar-me como matou o egípcio ontem?” Moisés fugiu quando ouviu isso e viveu na terra de Midiã, onde teve dois filhos.

Após quarenta anos, um anjo apareceu-lhe nas chamas de um arbusto em fogo no deserto próximo ao monte Sinai. Quando viu aquilo, Moisés ficou maravilhado e chegou mais perto para ver melhor. Quando se aproximou, a voz de Deus dirigiu-se a ele, dizendo: “Eu sou o Deus de

seus ancestrais, o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó.”

Moisés estava aterrorizado e não queria olhar. Deus continuou falando com ele: “Tire seu calçado, porque o lugar onde pisa é terreno santo. Eu certamente tenho visto a provação de meu povo que está no Egito. Eu tenho ouvido os seus gemidos e desci para libertá-los. Agora, eu estou enviando-o ao Egito.

A este mesmo Moisés, a quem o povo havia recusado, dizendo: “Quem o fez autoridade e juiz”, Deus constituiu tanto autoridade como libertador, com o auxílio do Anjo que lhe apareceu no arbusto. Este homem conduziu-os fazendo toda sorte de sinais e maravilhas no Egito, e no Mar Vermelho, e no deserto, por quarenta anos. Este é o mesmo Moisés que disse aos israelitas: “Deus lhes enviará um profeta como eu, de seu próprio povo” (Deuteronômio 18:15). Este é aquele mesmo que estava na congregação no deserto, com o Anjo, que lhe falou no Monte Sinai, e que recebeu as palavras vivas para nos transmitir.

Mas nossos ancestrais não queriam obedecê-lo. Eles o empurraram para longe e se voltaram ao Egito, em seus corações. Disseram a Arão: “Faça para nós deuses que possam nos guiar. Quanto a este Moisés que nos guiou para fora do Egito, não sabemos o que aconteceu com ele!”. Assim, fizeram um ídolo na forma de um bezerro e trouxeram seus sacrifícios a ele e regozijaram com o produto de suas próprias mãos.

Por isso, Deus os entregou ao culto dos astros, como está escrito no livro dos profetas: “Foi para mim que vocês ofereceram os sacrifícios por 40 anos no deserto, ó casa de Israel? Não foi, não. Vocês levaram o santuário de Moloque e a estrela do deus Renfã, as figuras que vocês fizeram para adorar. Portanto, eu os levarei para a terra além de Babilônia” (Amós 5:25-27).

Nossos ancestrais tinham o tabernáculo do testemunho com eles, no deserto. Fora feito de acordo com as instruções que Deus havia dado a Moisés. Trouxeram-no com eles quando, guiados por Josué, entraram na terra e tomaram-na das nações que Deus expulsou da frente deles. O tabernáculo permaneceu na terra até os dias de Davi, que agradou ao Senhor e que pediu para construir um lugar para a habitação do Deus de Jacó. Mas foi Salomão quem construiu uma casa para ele.

Contudo, o Altíssimo não habita nas casas construídas por homens. Como diz o profeta: “O céu é o meu trono, e a terra o apoio para meus pés; que tipo de casa construiriam para mim?” diz o Senhor: “Ou que tipo de lugar farão para eu repousar? Não foi minha mão que fez todas estas coisas?” (Isaías 66:1-2).

Ó povo teimoso, com corações e ouvidos incircuncisos! Vocês sempre rejeitam o Espírito Santo. Vocês são iguais a seus pais! Houve, numa época qualquer, algum profeta a quem seus pais não perseguiram? Eles mataram até aqueles que predisseram a vinda do Justo. E agora vocês o traíram e o assassinaram! Vocês foram os que receberam a lei posta em vigor pelos anjos, mas não a obedeceram!

Quando os judeus ouviram as acusações de Estêvão, foram atingidos no coração e rangeram os dentes de raiva pelo que ele havia dito. Mas Estêvão, cheio do Espírito Santo, olhou para o céu e viu a glória de Deus e Jesus em pé, à sua direita. E disse: “Olhem, eu vejo os céus abertos e o Filho do Homem em pé à direita de Deus.”

Neste ponto, os judeus gritaram e taparam seus ouvidos. Avançando, agarraram Estêvão e o jogaram para fora da cidade, onde o apedrejaram até a morte. As testemunhas deixaram suas roupas aos pés de um jovem chamado Saulo.

Enquanto apedrejavam Estêvão, este invocou o Senhor, dizendo: “Senhor Jesus, receba meu espírito.” Ele se ajoelhou e clamou com alta voz: “Senhor, não os culpe por este pecado.” Então, adormeceu (morreu).

O jovem Saulo aprovou plenamente o que a multidão fizera a Estêvão.

Estêvão é a primeira pessoa morta por sua fé em Cristo. Note que Deus não poupou sua vida, entretanto foi dada a Estêvão uma gloriosa vista do céu e do trono de Deus com Jesus em pé à sua direita. Que força esta visão deve ter dado a Estêvão, no meio de sua agonia!

Não havia nada legal neste caso. As acusações originais eram falsas, deliberadamente feitas contra Estêvão para tentar desacreditá-lo. Então, houve um julgamento oficial perante o Sinédrio, mas em vez de ouvirem atentamente a defesa e ponderarem as coisas ditas, os homens do próprio Sinédrio responderam com raiva. O apedrejamento não era uma execução legal, e sim as ações de um povo enfurecido.